

Iniciam-se hoje os Congressos dos Rurais e dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Iniciam hoje, em Santarém, os seus trabalhos dois congressos importantes: o dos trabalhadores rurais e o dos trabalhadores do Livro e do Jornal. A este último já fizemos alusão detalhada. Fizemos ressaltar a importância de uma das teses, das mais interessantes e que merece a atenção não só dos trabalhadores do Livro e do Jornal como a de todos os que se interessam pelo desenvolvimento da organização operária. Intitula-se essa tese «Sindicato da Indústria Gráfica baseado nos Comitês de Oficina e de Secção e nos Conselhos de Secções e Técnicos». Dissemos que entre a classe reinava o maior entusiasmo pela realização do Congresso; esse entusiasmo vai ter a sua mais larga expansão hoje, em Santarém, onde os importantes trabalhos da magna reunião têm início.

O outro Congresso que começa hoje o seu valioso labor na cidade de Santarém é o dos Trabalhadores Rurais. Ele conta com a simpatia de todo o operariado do país. A vida rude e laboriosa do trabalhador rural é sempre evocada com ternura. Os seus sofrimentos, a sua vida simples, a limpidez da sua alma que tão belos assuntos tem fornecido à literatura mundial, criam sempre nas populações das cidades uma corrente de simpatia que simboliza bem o abraço que o operário da fábrica dá ao camponês, como se vê em certas estampas revolucionárias.

O Congresso dos Trabalhadores Rurais que hoje inicia as suas sessões em Santarém é dos mais importantes que se têm realizado. Apesar da campanha defensiva de alguns elementos e a despeito da tremenda crise de trabalho que aquela classe está suportando, reúnem em Santarém representantes de cerca de trinta sindicatos.

Os congressos da classe rural costumam sempre distinguir-se pela ponderação, pela elevação e a enorme vontade de acertar que os delegados imprimem às suas palavras e às suas atitudes. A sobriedade de frases e a concisão de pensamento são as características dos rurais que ainda não foram contaminados pelos verbalismos ócios de que tanto se abusa nas cidades, quantas vezes para não se chegar a exprimir um pensamento completo.

Estamos certos de que este Congresso vai marcar mais um triunfo para a classe trabalhadora.

A's duas classes — a gráfica e a rural — envia hoje *A Batalha* a expressão sincera das suas saudações, augurando-lhes o bom êxito dos seus esforços.

LEIAM AMANHÃ O SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO:

Carta a um provinciano sobre a festa dos mercados, pela *Voz que clama ao deserto*.

O perigo das direitas.
As dividas de guerra.

Uma escola de jornalismo para operários.
Crónica internacional.

O brutal acaso, conto de M. Duarte Lopes.

A epopeia do trabalho — Os fundadores, por Ferreira de Castro com desenho de Roberto Nobre.

Do Deus dará..., versos de A. S. M. Ecos da Semana.

Nova carta a uma veraneante — O casamento e cada qual à sua maneira, por Ferreira de Castro.

Militarismo, por José Carlos de Sousa.

O que todos devem saber..., com gravuras.

Chico, Zecas & C., com gravuras.

Contra as deportações

Promovida pela Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina, realiza-se na próxima terça-feira, pelas 20 horas, uma sessão de protesto contra as deportações, na secção da Construção Civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa 81, 1.º

Nesta sessão usará da palavra delegados da C. G. T., C. S. T., Sindicato Metalúrgico, Construção Civil, e Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Um escândalo em Espanha: a justiça vesga de Rivera acoberta um assassino, filho do actual governador de Barcelona

Embora a imprensa tenha procurado fazer silêncio — o que é frequente tratando-se de coisas de Espanha — sobre o que aconteceu há poucos dias em Barcelona, o caso é tão dramático, tão interessante e sugestivo, que queiram ou não queiram será conhecido em todo o mundo.

O militarismo espanhol, com este caso vergonhoso, fica ferido de morte.

Vamos referir o estranho caso, pois ele diz em si o que é o regime ditatorial que hoje impera na Espanha.

Há anos, residia em Alcalá del Henares o general Cabanellas, que comandava um esquadrão de Hussars, homem valente e de ideias liberais.

Tinha o general uma filha mais sugestiva que simpática.

Esta jovem, com seus atractivos, trazia algo transtornado os oficiais da guarnição.

Um dia circulou por Alcalá, que dista 30 quilómetros de Madrid, uma notícia sensacional.

O filho do general Barrera, governador de Larache e chefe do exército ocidental de África, tinha sido surpreendido em colégio amoroso com a filha do general Cabanellas.

Quem assistiu à cena? Quem a preparou? E' coisa que ainda não se sabe, mas houve quem suspeitasse de pessoa muito íntima da família Cabanellas.

Escandalizada a família, o jovem Barrera foi forçado a reparar a sua falta casando com a insigne donzela, que não era a de Orleans...

Após o matrimónio os nubentes foram a Larache para gozarem a lua de mel.

Em Larache a esposa de Barrera continuou a sua vida amorosa de Alcalá del Henares.

Em poucos dias conseguiu conquistar o comandante Castro Girona, oficial inteligentíssimo, irmão do general do mesmo nome. Tornaram-se amantes. Castro Girona tinha um alto cargo no Comissariado de Larache, fazendo vida diária com o matrimónio. Todos sabiam o que acontecia; o próprio Barrera não o ignorava, suportando mansamente este *ménage à trois*. Largo tempo durou esta comédia; mas um dia, as famosas *juntas de defesa*, para salvar a honra do exército espanhol, obrigavam o capitão Barrera a desafiá-lo para um duelo o comandante Castro Girona.

Estranho caso!

O exército, depois de tanto tempo, obrigava Barrera a ter honra, e este devia conseguir a batendo-se em duelo com Castro Girona!

Que estranha psicologia, filosofia ou ideia da honra, tinha o exército espanhol!

Barrera tinha medo de bater-se; mas, obrigado pelas circunstâncias, partiu para Madrid acompanhado de seus padrinhos.

Chegados à estação do Meio Dia, que está próxima ao passeio do Retiro, Barrera e seus padrinhos sentaram-se num banco à espera do adversário. Pouco depois chegava Castro Girona. Louco e impulsivo, Barrera levantou-se do banco. Querá vingar a sua honra, essa honra que esquecera tantos anos e que o exército queria agora remendar.

Então, cobardemente, aproximou-se de Castro Girona, e, sem dizer palavra, alvejou-o pelas costas, matando-o. Castro Gi-

rona estava desprevenido; tinha as luvas calçadas quando foi morto, nunca poderia calcular que o seu adversário o mataria pelas costas.

Nada podia justificar o crime de Barrera; mas este, cobarde como é, tinha medo de bater-se em duelo.

O processo foi escandaloso.

O assassino, tipo lombrosiano, degenerado, não soube defender-se. Era natural que fosse parar ao patíbulo ou a um manicómio; mas foi apenas condenado a três anos de prisão.

Indignados, os seus camaradas pediram a sua separação do exército.

Com a subida ao poder do directório militar, Barrera foi reintegrado no exército, sendo enviado a Barcelona, onde seu pai exercia o cargo de governador militar.

Em Barcelona os crimes políticos sucedem-se; as cadeias estão repletas de vítimas, mas os verdugos, como nos dias da Roma decadente, gozam amavelmente a vida.

Há poucos dias, o capitão Barrera e o capitão Gonzalez Valdez foram a um hotel de Barcelona para divertirem-se com uma linda jovem chamada Dolores Barnabeu.

Ambos disputam as carícias da jovem; surgem as pistolas e, Barrera, recordando o nefasto dia da morte de Castro Girona, dispara contra Gonzalez Valdez, mas a bala atinge Dolores Barnabeu, matando-a.

Aterrados, os assassinos atiram pela janela o cadáver da vítima.

O juiz crê no suicídio, mas a opinião pública não acredita.

Efectivamente, o lugar em que está a bala prova que a jovem foi assassinada. Os próprios assassinos, em plena Rambla de Barcelona, discutem o caso acusando-se mutuamente.

São ouvidos por alguém, o escândalo cresce, e Barcelona murmura. O terror ditatorial põe uma mordaca aos jornais e aos murmuradores.

Oh! Vergonha!

O capitão general de Barcelona, é pai do assassino.

Ninguém se atreve a falar, mas o caso é do domínio público.

O capitão Valdez é o juiz que instrui o processo contra vários separatistas catalães acusados do último atentado, descoberto em Barcelona, contra o rei Afonso XIII.

Este capitão atormentou os presos, queimando-lhes os pés com petróleo e condenando-os à fome e à sede.

Esta fera bebe champagne depois de derramar o sangue generoso destes jovens; o homem que quer fazer justiça é cúmplice da morte de uma infeliz rapariga!

O escândalo é enorme, o juiz vacila. Os militares de Barcelona, perante a pressão da opinião pública, redigem um documento pedindo que seja feita justiça.

Que acontecerá?

Eis o estranho caso. A imprensa, amordaçada pela censura, não pode dizer palavra.

E' este o fruto da ditadura, do fascismo, e do militarismo espanhol!

Quanto detalhes e provas deste caso sejam pedidos, serão dados para que ninguém ponha dúvidas ao que aqui fica dito.

Rodrigo SORIANO

A revolta na Síria

Violento combate em Mousseifre. — Os drusos apresentam-se bem organizados

PARIS, 19. — Comunicam de Beyrouth que a guarnição francesa de Mousseifre travou um violento combate contra forças contingentes drusos, o qual terminou pela retirada geral do inimigo, com perdas mínimas da parte dos franceses.

Segundo as últimas notícias recebidas, terminado o combate de Mousseifre na noite de 16 para 17, os drusos deixaram no campo de batalha mais de 250 cadáveres, calculando-se o número dos seus mortos em 500 e o dos feridos em cifra ainda superior.

Os drusos apresentaram-se militarmente organizados, num efectivo de 3.000 homens de infantaria e cavalaria, devidamente arrematados e com bandeiras.

Os franceses dizem ter 800 mortos, sendo a sua situação bastante crítica

PARIS, 19. — Segundo notícias recebidas da Síria, os franceses tiveram 800 mortos no decurso de recentes combates.

Os contingentes da guarnição de Soueida continuam a ser abastecidos por aviões, continuando as tropas a resistir denodadamente; a situação é ainda bastante crítica, mas não desesperada, tornando-se necessária uma forte expedição.

Na Refinaria Garrido & Mayer

Na refinaria Garrido & Mayer declarou-se o pessoal em greve por o encarregado da fábrica lhe exigir que fizesse mais trabalho do que o que lhe competia fazer.

Como o encarregado ameaçasse com o despedimento, quem não quizesse fazer o que ele exigia, todo o pessoal, em sinal de protesto, abandonou o trabalho.

A guerra de Marrocos

Os espanhóis ocupam uma posição com "três quilómetros" de frente...

FEZ, 19. — No sector ocidental reina absoluta calma. Os habitantes de Xexuão evacuaram o povoado por temerem novos bombardeamentos.

Segundo notícias recebidas os espanhóis conseguiram efectuar um novo desembarque, ocupando uma posição com uma frente de três quilómetros, a oeste da posição de Nuevomoro.

Kropotkine

A absoluta falta de espaço continua a impedir-nos de publicar esta interessante biografia, o que esperamos nos será relevado pelos nossos leitores.

Ferrovirios do Sul e Sueste

A comissão administrativa do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste enviou-nos, pedindo a sua publicação, a seguinte nota:

«A assembleia geral da classe ferroviária do Sul e Sueste que funcionou em Barreiro no dia 11 do corrente, sancionou, por unanimidade, a resolução de 3 do corrente da comissão administrativa referente à eliminação de sócios deste sindicato do guarda-freio Pedro da Cruz Martins e guarda-freio Domingos de Sousa Eusébio, por serem os autores do furto das receitas do ramal de Lagos, praticado por meio de arrombamento do cofre que era conduzido no comboio n.º 6 de 28 de agosto p. v. — A Comissão Administrativa»

O povo de Samora, depois de esburgado do produto do solo e da instrução, está ameaçado por uma grave epidemia

Há mais de um mês que iniciamos esta campanha nas colunas de *A Batalha*, e, todavia, os resultados, somos forçados a reconhecer, pelo menos resultados práticos e imediatos, são poucos ou nenhuns.

A Companhia das Lezírias continua a exercer as mais estúpidas pressões sobre o seu pessoal, que, com medo ao inverno, se conserva submisso e obediente às ordens dos régulos, que se sentem cheios de autoridade e força por parte dos senhores do poder, para exercerem sobre a massa operária toda a espécie de vilipêndio.

São os cortes no salário, são os despedimentos dos operários, é a restrição de todos os serviços, ainda os mais rendosos e necessários; porque, estando o ano prestes a findar, é preciso gastar pouco dinheiro ao poder, para que a conta de Lucros e Perdas apresente um grosso saldo porque têm bem em que o apliquem.

E' esta, pelo menos, a tática do sr. Carlos Vinagre. Não sabe fazer administração de outra maneira. Vende madeiras, carvão, lenha, cortiça, trigos, etc., e não gasta dinheiro nas obras de preparação agrícola, apesar de instantemente exigidas pelos rendeiros que vêm em risco as suas culturas. E' assim, consegue abarrotar os cofres da Companhia. Ainda o ano passado recebeu, no fim do ano, uma gratificação de 8.000 escudos, quantia que matava a fome a umas dúzias de trabalhadores; e foi à custa do relativo bem estar de muita gente que esse dinheiro lhe veio parar à mão.

Mas, se o seu bestunho lhe não consente qualquer empreendimento de exito, qualquer obra de vulto que dê trabalho e dinheiro a quem tanto dele precisa, dá-lhe ao menos para conduzir o seu barco de forma a receber gratificação choruda.

E' isto uma companhia que se formou para desenvolver a agricultura da região; é isto um colosso que desumanamente se apoderou dos terrenos que a esta gente pertencem, para forçarem esta mesma gente a uma constante miséria.

Muito benévolo, muito bondoso, muito submisso é este povo de Benavente, Samora Correia e Vila Franca, para consentir que, em 1925, a quinze anos de República, os seus terrenos — seus, muito seus — se conservem em poder de estrangeiros, na posse de senhores que nunca viram nem conheceram, que, regalada e comodamente, se locupletam com os produtos destes campos ubérrimos, sem que para tanto contribuam com a menor parcela de esforço!

Poderá não haver para este povo o naco de pão negro e nauseabundo que as moagens fornecem, para ele que cava a terra, semeia e colhe o trigo; mas para os magnates que, de trabalho, apenas conhecem aquele que têm a pensar em que não de gastar os fabulosos lucros da sua ignóbil exploração, haverá sempre o mais fino pão e todas as comodidades que ao homem é dado gozar na terra. E o povo consente e não se revolta. Teme as espingardas da guarda que se inventou para guardar os bens dos potentados para que, de forma alguma, lhes possam ser perturbadas as digestões. E, como desconhece a sua força, continua jungido à pesada canga do trabalho, como se isso fosse um dever imposto apenas aos desgraçados da sua condição humilde e não uma lei da natureza que a toda a humanidade abrange.

Pobre povo! Como nós o lamentamos sinceramente!

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Levanta-te, ergue a cabeça, encara de frente os que te escravizam, espraia a vista pelos teus campos verdejantes e férteis, dos quais tanta riqueza arrancas, empunha com prazer a tua enxada, mas dize aos magnates que, se querem comodidades, dobrem a espinha também e produzam riqueza, desempenhando também o seu papel neste grande concerto do trabalho a que todos temos de nos sujeitar.

Como ao paralítico da Bíblia, nós vimos dizer-lhe também, na sequência rápida destes artigos, escritos nas horas livres do nosso trabalho diário, visto que não vivemos na ociosidade, o *surge et ambula*. Levanta-te e caminha!

Mas, que tempo levará o povo ainda a ter este gesto magnífico, este gesto heroico, este gesto nobre, de, unido como um só homem, oferecer aos potentados, não o suor amargo dos seus dias de canseira, mas um lugar de honra nos seus bancos de trabalho?

Muitos anos talvez; porque o povo não sabe ler e os potentados, de mãos dadas com os governos da reacção, fazem o possível para que o povo não aprenda a ler!

Não viram o que se deu em Samora Correia?

A moagem encerrou uma escola há 4 ou 5 anos, e o governo consentiu. Pois apesar da nossa campanha ainda não pensou sequer no local que havia de aproveitar para erigir a nova escola. Não pensou, nem pensa. A moagem tem andado a entreter-se com cartas para baixo e cartas para cima, para dar a impressão de que já pensou em se lavar da infâmia que cometeu encerrando uma escola; mas mente a si própria, mente a quem se dirige e mente ao povo, em cuja bondade e submissão confia.

Mas, talvez, quem sabe? pode ser que venha a arrepender-se.

Não terá que pagar bem caros os 50 contos que hoje se obstina em não querer gastar?

O governo a quem nos temos dirigido, continua surdo e quem a voz de um povo que quer que lhe dê a escola que lhe roubaram.

E' que o governo também parece muito interessado em que o povo não saiba ler. Não tem uns milhares de escudos para reparação de escolas, regateando as míseras verbas que para esse fim se orçam; mas tem mil contos para pagar os magníficos resultados do 18 de Abril; tem verbas para pagar o périplo de África, tem dinheiro para tudo quanto seja esbanjamento militar; apenas o não tem para reparação de escolas. Por isso procede de acordo com a moagem — esta encerra escolas à força; o governo deixa-as desmoronar a pouco e pouco.

Já agora, não queremos fechar este artigo sem lhes contar um caso que acaba de sobressaltar esta povoação e que mais uma vez vem confirmar que a *Samorense* é um cancro que vai minando a existência desta povoação, prejudicando-a por todas as formas e feitios, tornando-se mesmo um perigo que é preciso arredar.

Por motivo de obras ou por qualquer outro, as competências que dirigem a *Samorense* consentiram que a água dos geradores de gaz corresse livremente para a estrada nacional que liga esta povoação com o Cabo.

Uma ovelha que passavam com destino à Malveira, sequiosas das longas caminhadas do Alentejo, beberam dessa água e lá ficaram estateladas na estrada umas trinta e seis!

O caso alarmou a povoação, juntando-se muita gente no local.

As ovelhas apenas bebiam da tal água, uns minutos depois, morriam envenenadas. Lá compareceu o *Kimbanda*, não com o fim de mandar, como representante do delegado de saúde pública, retirar da via pública as rezas mortas, mandando-as regar com petróleo, por exemplo, não vá algum utilizar-lhes a carne e evitando que as moscas ali se vão envenenar, produzindo na terra uma epidemia de carbúnculos que tão fatal pode ser para toda a gente. Foi, como empregado solitário, vêr se podia salvar a *proteção* do pagamento das ovelhas que envenenou.

Não temos nós aqui afirmado tanta vez que o que sai daquela fábrica é tudo veneno?

Não lhes temos nós dito que aquela moagem, bem longe de contribuir para o progresso da terra, se inventou apenas para extinguir a população de Samora Correia, à ordem da Companhia das Lezírias?

Como não o conseguiram por completo com o pão podre, querem-nos levar a efeito por meio de uma epidemia.

Serra FRAZÃO

A Liga dos Direitos do Homem insurge-se contra as arbitrariedades do poder

Representantes do Directório da Liga dos Direitos do Homem procuraram ontem o presidente do ministério a quem entregaram o seguinte documento:

«Ex.º Sr. Presidente do ministério da República Portuguesa:—A Liga dos Direitos do Homem que tem mantido a sua posição como defensora de todos os oprimidos e vítimas do abuso do poder público, para ser fiel aos seus princípios e à sua finalidade, e até coerente com o seu próprio nome não

Relatório moral do Comité Confederal ao próximo Congresso Confederal

Inquilinato

F. M. e, alguns sindicatos, convidados ou por curiosidade, apareceram representantes da I. S. V.

Mas há mais importante, para os trabalhadores marítimos avaliar — sem paixões pessoais — até que ponto chegam a incoerência ou má fé de alguns dirigentes da F. M., que, dizendo representar a maioria dos trabalhadores marítimos, não representam mais do que a sua vontade — e não é sempre — porque põem e dispõem sem consultar, na maioria dos casos, as classes que representam.

Para provar o acima exposto, basta verificar como o autor da moção de suspensão de relações com a C. G. T., representante dos Pescadores de Peniche, procura traduzir o sentir desta classe no conselho federal.

Vejamos — os factos falam mais do que as palavras.

Há dias, apareceu em Peniche como enviado da F. M. ao sindicato dos Pescadores, o seu delegado ao conselho federal da F. M., munido da moção enviada pela F. M. a todos os sindicatos, na qual se define a suspensão de relações com a C. G. T. Procurou esse delegado reunir a classe para que esta demarcasse a sua posição perante a atitude da F. M. Não sei. Apenas sei que, valendo-se da ignorância em questões de organização, dum pobre rapaz, secretário da Direcção do sindicato — único pescador com quem reuniu — fez assinar o seguinte officio, que trouxe para Lisboa, pronto — naturalmente — a publicar no *Marítimo*:

«Ao secretariado da Federação dos Trabalhadores Marítimos da Região Portuguesa

Camaradas: Lido e aprovado pelo nosso sindicato a moção que o camarada Salvador Lamigou apresentou em reunião do último conselho federal e aprovada pelo mesmo, temo a comunicar-vos que este sindicato aprovou a moção por ela represento o sentir da classe.» O secretário.

Na moção escreveu o enviado da Federação Marítima: «Já se respondeu para a F. M. em 20/8/1934».

Que os dirigentes da F. M. se sirvam das classes que, dada a sua estrutura estão dependentes umas das outras e por isso não podem manifestar-se livremente está bem, visto sabermos que as classes são indiferentes, infelizmente, a estas questões.

Que usem processos como o acima exposto para afirmar estarem senhores numa maioria que não possuem, isso leva-nos a interrogar os dirigentes da F. M., no que seremos acompanhados pelos marítimos portugueses: com que fim procedeis assim, abusando da ingenuidade e da boa fé dos trabalhadores?

E assim que se afirma possuir a maioria dos marítimos pelo vosso lado, e representar o seu sentir?

E procedendo assim que tendes autoridade moral de chamardes facciosos aos que não comungam nas vossas táticas?

E assim que pretendes conseguir a unidade dos trabalhadores, sem se quer os ouvirdes?

E esse o vosso sindicalismo oportunista?

Vamos, respondam, sem subterfúgios nem tartufismo, cartas na mesa e jôgo franco, antes que os marítimos raciocinando se interessem pelo que até à data se têm desinteressado e vos façam desaliviar a máscara com que tendes abusado da sua indiferença.

Silvino NORONHA.

Desastre deplorável

Enterra-se hoje a filha do sívico 296

No Instituto de Medicina-Legal realizou-se ontem a autópsia judicial efectuando-se hoje o seu funeral pelas 14 horas para o cemitério do Lumiar, da pequena Florida Eusébio, de 16 meses, filha do guarda 296, da Polícia de Segurança Pública, Manuel Francisco Eusébio, que, no dia 17 último, foi vítima de um desastre com arma de fogo na residência rua de S. Tiago, 13, cave, caso que largamente noticiámos.

O 296, cujo estado é satisfatório, foi ontem transferido da Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, para a enfermaria de S. Francisco.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2500, pelo correio 2800. Pedidos a administração de A BATALHA

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Do Hospital de S. José saí hoje pelas 8 horas, seguindo no comboio das 9,48 para Sintra, o funeral de Carlos Pacheco, que ali reside, na rua da Penha, o qual, no dia 13 último, foi vítima de um desastre com arma de fogo, quando excitava uma pistola no ar do da igreja daquela vila, vindo a falecer, no dia 16, na enfermaria de Santo António, como então noticiámos.

TEATRO APOLO

Empresa Luis Ruas, Limit.

HOJE, 20 [Tel. 11.4129]

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

TIVOLI

TEL. N. 3171

AS 8 314

Ultima exhibição do magnifico film

OS PESCADORES DE CAP COD

Adaptação cinematográfica do romance de Sarah M. Jean Green. — Scenes da vida dos pescadores da Nova Inglaterra. — Saufilgus. — Heroísmo e abnegação dos humildes baleeiros. — Magnifica interpretação de BARBARA BOESORD

Frank Keenan e Robert Foster

A PORTA FECHADA

Comédia sentimental com FRANK MERO

Loucuras campestres

Saio. e a. p. as belas noites de Century

Uma revista cinematográfica

HOJE — Matinée às 3 horas

Inquilinato

Assunto, como tantos outros, ligado às condições económicas do proletariado, não podia deixar de merecer toda a atenção da C. G. T. A crise de habitação, que é um mal internacional, atinge em Portugal uma intensidade como em nenhum outro país, porque também em nenhum outro existe, relativamente, tão grande número de parasitas a querer viver de meia dúzia de escravos.

Devido a isso o alojamento é o que mais dificilmente se consegue em condições para as classes operárias, o que dá como resultado a mais miserável promiscuidade.

Tendo em conta o deplorável estado de coisas a C. G. T., sempre que leve ensino, provocou, em todo o inquilinato, sobretudo nas classes operárias, a rebeldia possível contra a exploração de toda e qualquer qualidade de senhorios.

Alguns trabalhos, feitos por intermédio do Conselho Jurídico, foram apresentados ao público, que sempre os recebeu entusiasticamente, esperando de melhorar o estado de coisas. A acção do Conselho Jurídico foi mesmo mais longe, quer pelas consultas dadas a inquilinos (confederados), quer junto das entidades com superintendência no assunto, o conselho desenvolveu uma enérgica acção defensiva contra os senhores gananciosos.

Contudo, não foi possível à C. G. T. evitar o aumento das rendas, porque para isso era necessário que a grande mole dos indiferentes perante as ameaças do perigo, reagisse mais ou menos prontamente.

Está, no entanto, convencido o Comité Confederal, que toda a acção desenvolvida serviu para impedir que o aumento fosse maior conforme era da vontade dos senhores.

As greves

As greves que os operários de diversas indústrias foram forçados a declarar desde o congresso da Covilhã a esta data, em defesa do seu pão ou das condições do trabalho, já pela característica que algumas revestiram já pelo seu número neste espaço de tempo, merecem referências.

A que mais interesse despertou em todo o país, foi a dos mineiros de Aljustrel que foi declarada quando ainda estava reunido o Congresso da Covilhã. Manteve-se cinco meses e durante esse tempo foi recolhido pela C. G. T., para auxílio dos grevistas, 30.000\$000. Além deste auxílio, quasi sempre exemplo, muitíssimos filhos dos grevistas foram arrancados aos lares familiares de seus pais por muitos camaradas de Lisboa e da provincia, onde encontraram um acolhimento todo de carinho.

Deve-se sem dúvida a esta grandiosa solidariedade, a grande resistência dos grevistas. E se bem que a greve terminou com vitória para estes, essa vitória não correspondeu aos esforços dispendidos.

Também se declararam em greve no ano de 1923 os operários têxteis da Covilhã, os mineiros de São Pedro da Cova, as classes metalúrgicas de Lisboa. Os têxteis reclamavam aumento de salário e estiveram em greve aproximadamente três meses, tendo obtido uma pequena vitória. A C. G. T. conseguiu recolher, por um apelo dirigido a todas as classes, um auxílio aproximado a 15.000\$000.

Igualmente foram distribuídas algumas dezenas de crianças filhas dos grevistas.

A greve dos mineiros de São Pedro da Cova, prolongou-se por dois meses e terminou com uma vitória quasi completa para os grevistas. Pelo proletariado do Porto, foram recolhidas muitas crianças filhas dos grevistas e a comissão do movimento recebeu para auxílio aproximadamente 1.000\$000 além de grandes quantidades de gêneros que foram oferecidos aos grevistas.

Por solidariedade aos mineiros, a U. S. O. do Porto declarou a greve geral por 24 horas, que redundou numa bela afirmação de solidariedade por parte do proletariado português.

Os Metalúrgicos de Lisboa estiveram em greve, aproximadamente dois meses. A greve na sua última fase foi apenas parcial, conseguindo por fim verem atendidas as suas reclamações de aumento de salário.

Em 1924 as greves multiplicaram-se, relativamente a 1923.

Uma das mais importantes foi a das classes dos transportes urbanos de Lisboa e Porto, que chegou a repercutir-se noutras localidades. A greve era de protesto contra o aumento do coeficiente de multas e durou um mês. Quasi todas as classes em luta são confederadas, porém elas tiveram principalmente como medianeiros uma comissão saída das associações patronais.

Não pôde essa comissão, dada a intransigência do governo perante a justa reclamação dos grevistas, obter resultados satisfatórios. E é quasi próximo do término do conflito que a C. G. T., acompanhada dos grevistas, enceta «demarches» junto do governo. Passados dias conseguia-se uma plataforma, infelizmente com alguma transição por parte dos grevistas, que pôz termo ao conflito, não tendo a C. G. T. ficado, por esse facto, em qualquer situação menos conveniente.

Nesta mesma data declarou-se também em greve geral a classe corticeira que se manteve por 30 dias, reclamando aumento de salário e o respeito pelo horário das 8 horas. A greve terminou com triunfo para os operários, que conseguiram um pequeno aumento de salário e o respeito pelo horário de trabalho.

Em virtude da duração do conflito foram feitos alguns apelos às restantes classes para auxílio aos grevistas.

Muito pouco auxílio eles receberam, o que foi de lamentar visto tratar-se duma classe digna de todo o auxílio.

No entanto as classes Marítimas dispensaram-lhes um valioso auxílio moral, que muito contribuiu para que tivessem obtido vitória.

Cabe aqui dizer que os marítimos também prestaram a solidariedade possível às classes de transportes, bem como a outras classes que dela têm necessitado.

Declararam-se também em greve os manipuladores de pão de Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, de reclamação do descanso ao domingo e abolição do trabalho. Foi de curta duração este movimento, não tendo a classe reclamante conseguido ver atendida completamente as suas reclamações, pois alcançou somente o descanso ao domingo.

Muitas outras greves se deram, embora de menos importância, e todas elas tiveram a sua origem na situação excessivamente miserável em que se encontram as respectivas classes, mercê da desmedida ganância, do abandono e rotineirismo com que a burguesia portuguesa procede na gestão do trabalho.

O operário português é um dos mais mal pagos da Europa; por outro lado, Portugal é o país onde a vida é mais cara; resulta portanto que, deste duplo factor, a situação económica e moral do povo trabalhador é excessivamente miserável, comparadamente à dos trabalhadores doutros países.

A confirmar está a constante e crescente emigração dos operários portugueses que estão encontrando lá fora condições de vida mais favoráveis.

Outras greves se registaram, mas devido aos motivos especiais que as determinaram, referimo-las nos relatos respeitantes aos acontecimentos seus determinantes.

O reconhecimento oficial das Unões de Sindicatos e Federações de Indústria e a capacidade jurídica dos Sindicatos

Alguns governos recusaram-se tratar com as U. S. O. e com as F. I., alegando a sua falta de capacidade jurídica. A sua maioria tratou com os organismos representativos dos Sindicatos que é quem tem existência legal, pondo de parte essa alegação.

Nunca a organização gastou muito tempo a demonstrar aos governos a sem razão que havia em preocuparem-se da existência legal ou não das centrais dos Sindicatos, legalmente constituídos. Por isso constitui uma surpresa para a C. G. T., como para os restantes organismos centrais, o decreto governamental do ano corrente. Como a lei visa a estabelecer dificuldades à liberdade de acção dos órgãos ou organismos que têm estado à sua margem, o Comité Confederal levou à apreciação do Conselho o referido decreto, na reunião que se efectuou em 23 de Dezembro (1924) o qual aprovou o seguinte documento:

«A C. G. T. reúne no seu conselho confederal para conhecimento do decreto do governo que reconhece a constituição das Unões de Sindicatos e Federações, verificando que o dito decreto não estabelece apenas e simplesmente fosse reconhecimento, mas vai até ao ponto de facultar, a quem quer que lhe dê execução, a alteração dos estatutos dos citados organismos; e considerando que só aos sindicatos, seus componentes, cabe o direito de modificar esses estatutos em virtude de que têm de o fazer sempre de acordo com a orientação demarcada nos congressos realizados sempre publicamente, — resolve:

1.º Registrar o decreto e repudiar toda intromissão, provocada pelo mesmo, na orientação e constituição dos organismos federativos, pois só aos sindicatos que os constituem, em congresso, reconhece essa facultade.

2.º Que as Federações e Unões se coloquem à margem do decreto, quando a sombra dele sejam impostas alterações que modifiquem os fins para que se constituíram ou as resoluções dos congressos;

3.º Quanto à facultade que fica dada a estes organismos e aos sindicatos, de poderem celebrar contratos colectivos de trabalho, a C. G. T. afirma a integridade do sindicalismo revolucionário que tem norteado a organização operária portuguesa e lembra as decisões dos seus congressos, absolutamente contrárias ao reformismo a que a prática prevista por esta parte do decreto pode conduzi-la.»

A carestia da vida e a crise de trabalho

Eis o flagelo que mais tem assolado o proletariado português. Antes da guerra já os seus rumores incomodavam sobremaneira os trabalhadores, mas desde então torna-se indescritível o estado a que chegou.

A causa primordial dum tal encarecimento deve-se, sobretudo, ao espírito ganancioso dos detentores das terras, das indústrias, da finança e dos produtos, a pesar de eles pretenderem demonstrar que é resultante da depreciação cambial, etc., etc.

A depreciação da moeda portuguesa é já uma consequência da ganância apontada, como o são também o aumento das contribuições e as greves que as classes se vêem na necessidade de fazer.

Estes detentores de todas as fontes de riqueza têm instintos de pantera. Tudo devam para se manterem ociosamente e nem sequer os interesses legítimos do país, de que se dizem patriotas dos quatro costados, respeitam, como não respeitam os de ninguém.

Na sua imprensa, vêm-se umas vezes por outras — acusações mútuas respeitantes às traquinagens que esses cavalheiros fazem ou ordenam que se façam. E a falsificação dos vinhos, das conservas, que os outros países onde parece existir um maior respeito pelos direitos de cada um, repudiam enojados; é o apodrecimento dos gêneros devido à sua retenção por tempo demasiado; à espera dum aumento ganancioso. Numa palavra: A ruína física, material e moral da maioria da população que sofre todos esses desmandos, obra dum ganância friamente meditada.

A C. G. T., continuando o movimento de protesto contra o sempre crescente encarecimento da vida, procurou encaminhar esse movimento contra os seus verdadeiros culpados, visto que por vezes o patronato ainda pretende aproveitar-se dos operários para joguete das suas ambições, lançando-os em movimentos que mais servem os interesses ilimitados daquele que a situação miserável destes.

Nesse sentido a C. G. T. esforçou-se para que as reclamações dos operários obtivessem sempre a satisfação digna dos próprios reclamantes, procurando estabelecer a mais estreita solidariedade entre as classes, criando ou alargando o ambiente necessário ao triunfo das reclamações.

Raro é o dia que nas colunas de A Batalha não se regista mais um protesto, uma greve, etc., contra os exploradores que continuam fazendo ouvidos de mercador.

A greve dos transportes urbanos, ainda que não possa estar na categoria de movimento contra a carestia da vida; é contudo digna de ser notada por ser contra um aumento de contribuições (ou multas), que de certo modo evita uma justificação sobre o encarecimento das coisas. Também a C. G. T. promoveu e compareceu em actos públicos contra a carestia da vida, como o comício do teatro Nacional, em Lisboa, etc.

Não só a carestia da vida veio tornar insuportável a vida às classes trabalhadoras, como a crise de trabalho, oriunda da própria carestia da vida, veio tornar mais inquejado de miséria.

Tanto pela magnitude deste assunto como porque a C. G. T. o tratou duma maneira tão especial, o congresso vai ocupar-se dele.

As oito horas de trabalho

Velha aspiração dos trabalhadores, que milhares de vítimas tem custado e que tem provocado a mais funda perseguição da burguesia muito amiga de ver os trabalhadores sempre curvados sobre o trabalho.

Entre nós, as 8 horas de trabalho foram extensivas a todas as classes mecânicas, após o armistício, por meio de decreto governamental.

Porém, o industrialismo que não pensa na maneira de arrancar proventos da laboração industrial sem ser pela exploração dos operários, tratou imediatamente de contrariar a execução do referido decreto, pelas diversas formas ao seu alcance e que foram desde a perseguição, os operários que a respeitavam até ao suborno das autoridades.

Um ministro, digno defensor da sua classe, regulamentou de tal forma aquele decreto que as 8 horas deixaram de ter defesa legal, e estas classes que conquistaram directamente essa regalia acabaram infelizmente por trabalhar tantas horas quantas ao patronato apetecia e era permitido aos operários pela sua capacidade física.

Este estado de coisas, é bem demonstrativo de que, quando os trabalhadores não se dispõem directamente a fazer cumprir ou impor quaisquer regalias as leis são zero, e que portanto quem faz e executa a lei é o proletariado quando devidamente predisposto estabelece o cumprimento e o respeito dos preceitos que julga de necessidade.

Contudo a C. G. T., como os Sindicatos isoladamente, sempre desenvolveu uma intensa campanha pelo cumprimento integral das 8 horas de trabalho. Ultimamente um dos muitos governos que têm desgobernado o país, fez publicar um novo regulamento ao decreto do horário de trabalho. Nesse regulamento, como no próprio decreto, classes há que são excluídas do direito das 8 horas por dia, como as classes rural e doméstica.

Ainda assim, o novo regulamento sofreu imediatamente o mais feroz dos ataques da burguesia. A demonstração estão as lutas que através do país as classes têm mantido em defesa do horário que um ministro qualquer já conseguiu legalmente destruir, por meio dum portaria.

A C. G. T. constata os progressos que o patronato vinha fazendo no sentido de alterar o regulamento, mas também constata que isso não era mais do que o resultado das classes terem abandonado inopinadamente, em ocasiões anteriores, a defesa do cumprimento do horário e não terem elas próprias, sem o apoio de qualquer documento legal, levado o patronato a aceitar o horário inofensível das 8 horas.

No entanto o Conselho Confederal apreciou por diversas vezes o assunto, tendo resolvido oportunamente fazer intensa propaganda para que as classes se impoñam pela acção directa, como algumas fizeram muito, antes de haver qualquer disposição legal que o fixasse. Por outro lado encarregou o Conselho Jurídico de elaborar um parecer que de certo modo orientasse as classes que, tendo-se preocupado pouco com o horário, mostravam... dificuldades para o fazerem cumprir, segundo as disposições do regulamento.

A reacção — As deportações

São do conhecimento de todos as deportações de operários presos antes e depois do 18 de Abril. Essas deportações podem considerar-se obra dos reaccionários, que vivem, executada uma parte do seu odioso programa pelo governo que os venceu pela força. Estamos em face de um dos actos mais arbitrários e repugnantes que se têm praticado dentro do regime republicano.

Além das resoluções do conselho, devemos ter em conta as demarches do conselho Jurídico, às quais nunca logar alaudimos. O conselho confederal resolveu promover uma intensa agitação em favor dos deportados e, em obediência a essa resolução, foi enviada a todas as localidades a seguinte circular:

«Circular 43: Presados camaradas: Toda a organização operária e revolucionária tem vindo a protestar contra as arbitrariedades, feitas pelo governo da República, de operários malevolamente acusados de crimes não provados. Os Sindicatos de Lisboa por intermédio da Câmara Sindical, acabam de materializar o seu protesto declarando a greve por 48 horas. E, porém, necessário que este protesto não se limite aos trabalhadores de Lisboa, convém que a organização de todo o país, se manifeste publicamente.

O Conselho Confederal aprovou um documento em que resolve, efectuar, um movimento de protesto em todo o país; de acordo com esta resolução o Comité Confederal em sua última reunião, constatando o facto da greve das classes em Lisboa e considerando da máxima conveniência secundária mas por forma a não ferir mais, ainda, a situação dos deportados, resolveu:

Que os organismos que têm manifestado a disposição de acatar qualquer indicação da C. G. T. para um movimento de protesto promovam esse movimento, que, a exemplo dos Sindicatos de Lisboa pode ser grevista, com a duração que considerarem compatível com as suas forças, fazendo expedir telegramas para a presidência do Governo e da República protestando contra as deportações.

De harmonia com esta resolução, ficam os Sindicatos dessa localidade com a responsabilidade de promoverem, brevemente, o seu protesto público contra as deportações, em qualquer dia e pelo espaço de tempo que julgarem possível.

Sendo da máxima conveniência que as causas se passem altivamente, isto é, sem motivos que ponham em dúvida a grandeza do protesto e o seu fim extremamente humanitário.

Como resultado deu-se a greve em Lisboa, Setúbal e Portimão.

Muitos organismos enviaram telegramas de protesto ao governo e uma representa-

ção da U. S. O. do Porto foi entregue ao presidente da República.

A pesar disso, os governos não dão sintomas de procederem à reparação da arbitrariedade cometida e os camaradas deportados vão perdendo a saúde e a vida naquelas perigosas paragens. Nestas circunstâncias é necessário continuar mantendo a agitação em favor daqueles operários.

A Batalha

A pesar de tudo, o nosso órgão na imprensa continua mantendo diariamente o fogo sagrado nesta luta de vida ou de morte e dando à organização e ao proletariado o estímulo necessário para enguerm bem alto o pendão das suas reivindicações.

Em troca, o proletariado tem dado à A Batalha o apoio moral e material que lhe tem sido possível, como preito de homenagem à sua rebeldia, como afirmação de agrado pelo muito que ela tem feito pela defesa dos explorados. As afirmações de simpatia que francamente os seus amigos lhe têm feito, são, por si só, a mais adequada resposta à perseguição feroz que o Estado, por intermédio dos seus serventurários, lhe tem movido.

Com o auxílio que o proletariado tem dispensado à A Batalha conseguiu-se melhorar-lhe notavelmente, e se bem que a sua vida não seja desafogada, ela é contudo satisfatória.

Subordinada a sua orientação ao Conselho Confederal, que por sua vez delega num dos seus componentes, diversas vezes o referido Conselho se tem ocupado dela. De facto há deficiências, alguns assuntos não são tratados a contento de todos, e muitas queixas existem a propósito de pouca coisa, mas tudo é insuficiente para consentir ou promover qualquer acção que contrarie a necessária expansão do jornal.

Já o comité que depôs o seu mandato no congresso da Covilhã tratando de A Batalha se expressou deste modo:

«Não escondemos, no entanto, que o mesmo nem sempre tem agradado em todos os casos e a todos os camaradas. Mas qual seria, qual será em que época e em que parte do globo o jornal que agradasse, e agrade, por uma forma absoluta e que satisfizesse todas as necessidades e todas as tendências? A Batalha dispõe sempre de poucos recursos, especialmente financeiros, com os quais pudesse fazer face a todas as necessidades.»

«O jornal principia por não agradar, muitas vezes, aos próprios que o redigem».

Isto que foi dito ao Congresso da Covilhã repetimo-lo aqui, porque em boa verdade a situação do jornal, perante os que o consideram um pouco seu, em nada se modificou. Muito embora o jornal tenha sofrido notáveis alterações, ele continua a pesar-disso a não satisfazer todos os camaradas.

Porque A Batalha nunca recuou perante a necessidade de combater abertamente os desmandos dos governantes e a infamíssima exploração das oligarquias, tem sofrido a ignóbil perseguição daqueles, porque eles querem continuar impunes dos crimes de lesa-humanidade que sem reboço constantemente cometem.

Após o 18 de Abril A Batalha sofreu a mais infame perseguição até hoje conhecida.

Durante meses, se viu a polícia invadir a casa de impressão e quando se principiava a sua impressão, um polícia, atropelando tudo e todos, até a própria lei de imprensa que, como representante da autoridade, devia ser o primeiro a respeitar, impedia que a impressão se fizesse. E munido dum exemplar do jornal, o polícia desaparecia nos negros corredores do Governo Civil e por lá permanecia horas consecutivas. Entretanto, o jornal, dada esta demora, não podia sair e os seus compradores acabavam por desistir da sua compra, dada a maneira como está montada a venda de jornais ao público em Lisboa. Esta contrariedade estendia-se à provincia para onde só muito tarde o jornal era enviado.

Governantes, perante quem lavramos os nossos protestos contra tamanha arbitrariedade, sabiam muito bem os prejuízos que estava sofrendo o jornal e como a sua intenção era abafar a nossa voz, foram mantendo a pesar de tudo essa situação arbitrária.

Mas ainda desta vez foram frustrados os planos maquiavélicos das oligarquias dominantes: A Batalha continuou a escalarizar os seus feitos ignominiosos, enquanto o proletariado de que ela é porta-voz estiver disposto a dar ao seu órgão toda a força da sua solidariedade.

Relatório do delegado ao II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em Amsterdão

Presados camaradas: — Nomeado pelo Comité Confederal, conforme autorização que o Conselho lhe conferiu para representar a C. G. T. no II Congresso da A. I. T., realizado em Amsterdão a 21 de março do ano corrente, venho deste modo prestar contas do mandato que me foi confiado.

O II Congresso da A. I. T., muito melhor do que o primeiro, foi duma grande modestia. Entre os seus componentes reinou um perfeito entendimento, e por vezes quasi absoluto, sobre os assuntos ali tratados.

As organizações que se fizeram representar, todas elas, com insignificantes diferenças de acção, estão em concordância nos objectivos e métodos de luta contra o capitalismo. São elas: C. N. T. de Espanha; F. A. U. D. da Alemanha; N. S. V. da Holanda; U. S. I. de Itália; S. A. C. da Suécia; C. G. T. de Portugal; F. O. R. da Argentina, representadas por delegados directos R. A. (Grupo de Sindicalistas) da Dinamarca; N. S. F. do Noruega; F. O. do Rio Grande do Sul; F. O. R. do Uruguai; C. G. T. do México, representadas por delegados indirectos. Os delegados que indirectamente representavam a organização da Noruega e Uruguai eram os delegados directos da Suécia e da Argentina, países vizinhos daqueles.

(Continúa)

O 18 DE ABRIL

Proseguiu ontem o julgamento, começando a depor as testemunhas de defesa

Ontem chegaram às 11 horas ao tribunal os presos civis, acompanhados apenas por um sargento, parece que por não ter a escolta chegado a tempo ao forte.

Além disso, os governos não dão sintomas de procederem à reparação da arbitrariedade cometida e os camaradas deportados vão perdendo a saúde e a vida naquelas perigosas paragens. Nestas circunstâncias é necessário continuar mantendo a agitação em favor daqueles operários.

A primeira testemunha de acusação a depor, Joaquim Francisco Neves, polícia, que no dia 18 foi incumbido de um serviço confidencial, foi feito prisioneiro pelos revoltosos que o levaram para o quartel de metralhadoras, onde ficou até ao dia 19.

— Viu os civis que estavam no Parque combater contra as tropas fiéis?

— Não vi. Estive preso.

O agente da polícia administrativa Joaquim da Fonseca também foi preso pelos civis revoltosos e conduzido ao quartel do primeiro grupo de metralhadoras, onde passou a noite de 18 a 19. No trajecto os civis várias vezes lhe apontaram as pistolas à cabeça. De entre os acusados reconhece o réu Tavares de Almeida, que foi seu carcereiro na noite da sua prisão. Viu vários civis com armas e um deles com duas bombas, uma em cada mão.

O sr. Tamagnini Barbosa:

— Esse civil, o sr. John Alves, fazia parte do grupo encarregado de o prender?

— Sim, senhor.

— Quantas vezes prestou declarações n. processo?

— Uma.

— E' falso. Prestou três! exclama indignadamente o major Tamagnini Barbosa. O defensor officioso:

